

APRESENTAÇÃO

Neste número especial do volume 14 da Revista do GELNE apresentam-se dezenove artigos que refletem as atividades desenvolvidas por pesquisadores do Grupo de Trabalho em Sociolinguística da Associação Nacional de Pesquisa em Letras e Linguística – ANPOLL. Esta publicação constitui uma justa e merecida homenagem do GT à colega de trabalho e amiga Cláudia Roncarati, que incansavelmente contribuiu com a (socio) linguística brasileira.

Os três primeiros artigos, **Róticos em coda silábica na fala de nova Iguaçu-RJ com base em diferentes tipos de corpus**, de Sílvia Figueiredo Brandão e Clarice Braconi da Silva, **Variação do rótico e estrutura prosódica**, de Dinah Callou e Carolina Serra, e **Caracterização prosódica dos falares brasileiros: a oração interrogativa total**, de Joema Castelo Bernardo da Silva e Cláudia de Souza Cunha, se voltam à análise de aspectos fonéticos/fonológicos e prosódicos de variedades do português brasileiro. No primeiro artigo, analisa-se o –R em coda silábica na fala de Nova Iguaçu/RJ, tendo em vista duas amostras distintas e sob diferentes perspectivas metodológicas. As autoras chegam à conclusão de que a análise “(a) valida, reciprocamente, as tendências detectadas em cada uma delas; (b) confirma a complementaridade das duas linhas de pesquisa, (c) demonstra a importância da elaboração de estudos geolinguísticos que levem em consideração diferentes dimensões, de modo a melhor captar a dinâmica social das localidades e (d) ratifica a observação de Rossi (1984:106) de que *‘os lugares, as áreas, não existem nas ciências humanas como espaços físicos em si, mas como espaços sociais.’*”. No segundo artigo, focaliza-se “o apagamento variável do –R em posição de coda final, a partir de dados de um *corpus* de entrevistas informais com falantes cultos de Salvador e do Rio de Janeiro, gravadas em dois períodos: na década de 1970 e na década de 1990.” Defendendo a hipótese de que a estrutura prosódica condiciona o apagamento do –R, as autoras concluem que “(i) em termos gerais, a fronteira de sintagma entonacional (IP) desfavorece a queda do segmento, (ii) há um processo gradual de apagamento e (iii) da década de 1970 para a de 1990, mesmo a fronteira de IP passa a não inibir o apagamento do segmento”. No terceiro artigo, as autoras analisam “a variação regional da

entoação em enunciados interrogativos do tipo questão total nos falares de 25 capitais brasileiras”, e concluem que o índice de regionalidade das diferentes capitais “é manifestado, principalmente, através da relação de altura entre as sílabas que compõem o acento nuclear”.

No artigo **A expressão da modalidade deôntica e epistêmica na fala e na escrita e o padrão SV**, Maria Eugênia Lammoglia Duarte, tendo em vista amostras de fala e de escrita, apresenta resultados que evidenciam uma relação entre as inovações na expressão da modalidade e a representação do sujeito pronominal no português brasileiro. A autora defende, portanto, que as inovações na expressão da modalidade estão relacionadas “a um quadro de mudanças mais amplo que afeta a representação do sujeito pronominal no português brasileiro”.

No artigo **A variação entre nós e a gente: uma comparação entre o português europeu e o português brasileiro**, Juliana Barbosa de Segadas Vianna e Célia Regina dos Santos Lopes apresentam resultados de uma análise do processo de variação envolvendo os pronomes “nós” e “a gente”, tendo por base amostras de fala espontânea do português brasileiro (PB) e do português europeu (PE). As autoras apontam para diferenças entre o uso das formas variantes nas duas variedades do português: diferentemente do que se encontra no PB, a variação “nós”/“a gente” no PE “é fundamentalmente determinada por fatores sociais e não caracteriza um processo de mudança em curso”.

No artigo **A expressão da segunda pessoa do singular em cartas pessoais norte-riograndenses das primeiras décadas do século XX**, Marco Antonio Martins e Kássia Kamilla de Moura analisam os usos das formas de “tu” e “você”, em diferentes contextos morfossintáticos, em 65 cartas pessoais, escritas por dois irmãos no início do século XX no Rio Grande do Norte. Os resultados encontrados deixam evidente um uso quase categórico de formas associadas ao inovador “você” em diferentes contextos, mesmo naqueles de resistência a formas associadas ao conservador “tu”, como em construções com sujeito nulo em formas verbais não imperativas.

No artigo **Aspectos de comportamento sociolinguístico entre as três capitais da Região Sul: especificidades e generalizações**, Edair Maria Görski e Izete Lehmkuhl Coelho se analisam as especificidades e

generalizações no comportamento linguístico das três capitais da Região Sul, tendo em vista três fenômenos variáveis: a monotongação de ditongos decrescentes, a alternância de pronomes de segunda pessoa do singular e a ordem do sujeito. De acordo com a análise proposta, “a Região Sul, representada aqui pelas três capitais, por um lado, compartilha um mesmo padrão sociolinguístico no que tange à variação da ordem do sujeito; por outro lado, apresenta especificidades no que se refere aos efeitos de contexto em relação à monotongação do ditongo decrescente e à alternância entre os pronomes de segunda pessoa *tu* e *você*.”

No artigo **Subjetividade e ordem de palavras: a ordem verbo-sujeito no português brasileiro e no galego**, Jussara Abraçado apresenta os primeiros resultados da pesquisa que desenvolve sobre a ordem verbo-sujeito (VS) no português brasileiro e no galego, em que busca aferir o emprego da VS em porções do discurso buscando aferir são veiculados enunciados subjetivados. A autora analisa as ocorrências da ordem VS na fala de 12 informantes da *Amostra Censo* (Projeto Censo da Variação Linguística no Rio de Janeiro, PEUL/UFRJ) e de 13 informantes *do corpus A Nosa Fala* (Arquivo Sonoro de Galícia, USC) e constata estatisticamente, em relação ao português brasileiro, mas não em relação ao galego, que, além das funções já apontadas em pesquisas anteriores, a ordem verbo-sujeito desempenha também a função de veicular enunciados subjetivado.

No artigo **Uma mudança encaixada: clíticos em construções preposicionadas**, Odete Pereira da Silva Menon põe em foco a colocação dos pronomes clíticos em sintagmas preposicionados, tendo em vista a análise de uma amostra constituída de vinte textos portugueses do século XVI ao XIX. A proposta da autora é a de que a ênclise atestada em textos mais recentes nesses contextos é derivada de uma ambiguidade gerada nas construções *Preposição-Clítico-Verbo*, o que resultaria, portanto, de uma mudança encaixada, nos termos de Weinreich, Labov & Herzog (1968).

A sintaxe dos pronomes clíticos é também o fenômeno analisado no artigo **Variação estilística na escrita escolar monitorada: o caso da colocação pronominal**, de Sílvia Rodrigues Vieira e Adriana Lopes Rodrigues-Coelho. As autoras observam a colocação pronominal em estruturas verbais complexas em redações escolares e concluem que, além de variáveis linguísticas, o “tipo de instituição escolar” e “o modo de

organização discursiva” constituem variáveis relevantes no condicionamento da posição do clítico nos complexos. Os resultados a que chegam as autoras vêm reforçar a tese de que “o uso e a ordem dos clíticos pronominais fazem parte do processo de aprendizagem desenvolvido nas escolas”.

Em **O papel do gênero textual na variação estilística: em busca de padrões comunitários**, Maria Alice Tavares analisa os conectores sequenciadores “e”, “ai” e “então” numa amostra extraída de entrevistas sociolinguísticas do Banco de Dados VARSUL. Observando o gênero textual e a constância de padrões comunitários de variação, a autora conclui que: (i) há uma relação entre o uso da variante vernacular “ai” e as narrativas de experiência pessoal, enquanto as variantes de prestígio “e” e “então” são favorecidas pelo relato de opinião; e (ii) “esses padrões permanecem constantes na comunidade de fala, mesmo quando são consideradas as distribuições relativas ao sexo e à idade”.

No artigo **Para além dos pacotes estatísticos Varbrul/Goldvarb e Rbrul: qual a concepção de gramática?**, Christina Abreu Gomes desenvolve discussão sobre a questão da modelagem teórica da variação e a metodologia estatística utilizada na quantificação dos dados variáveis, pautando-se na comparação entre os Programas Varbrul/Goldvarb e Rbrul. É também objeto de discussão em seu texto o papel do indivíduo e do item lexical em relação à variação e à mudança e suas consequências para um modelo teórico que defende um *status* representacional para a variação sociolinguística.

Em **Variação nos processos de referenciação correlacionada a gêneros discursivos**, de Vera Lúcia Paredes Silva, é discutida a correlação entre processos de referenciação, expressos na retomada de elementos já introduzidos no texto, e os gêneros e tipos textuais em que se inserem. Com base em *corpus* constituído de gêneros da imprensa escrita carioca, publicados nos últimos 8 anos, a autora discute e postula a aplicação de um tratamento quantitativo a essa correlação, na perspectiva da sociolinguística variacionista, sendo apontadas vantagens de tal abordagem. Paredes Silva exemplifica a proposta com a análise de dois fenômenos: a variação nome/pronome/zero na referência à terceira pessoa, e a variação no uso do artigo definido ou do pronome demonstrativo como determinante do SN/rótulo.

Os resultados evidenciam as vantagens de um tratamento quantitativo, ao se considerar a inserção dos fenômenos sintático-discursivos no contexto maior dos gêneros e tipos textuais.

O artigo **‘Oi?’**, de Maria Cecília Mollica, Rodrigo Alípio, Thaís Lofeudo, Samara Moura, constitui-se em um estudo de caráter exploratório que, sob a perspectiva da Linguística Sociointeracional busca: (1) comprovar que há o uso do marcador conversacional “oi?” (SHIFFRIN, 1987; GUMPERZ, 1982; MARCUSCHI, 1985) como estratégia discursivo-interacional através da qual o interlocutor solicita a repetição de uma pergunta; (2) salientar que existe outro emprego não cooperativo do “oi?”, cujo objetivo é a quebra de face do interlocutor.

Jacyra Andrade Mota e Suzana Alice Marcelino Cardoso, em **Por onde caminha o projeto ALIB**, descrevem o estágio atual do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, com destaque para a constituição do *corpus* e a organização do Banco de Dados. As autoras discorrem também sobre o processo de constituição do *corpus*, a natureza dos dados a recolher e dificuldades a vencer; a importância de um arquivamento dos dados, de maneira a permitir ampla consulta. Apresentam, ainda, alguns resultados que apontam para a relevante contribuição advinda dos estudos geolinguísticos para o aprofundamento do conhecimento da língua portuguesa no Brasil.

O artigo **As variantes lexicais para a montaria feminina: um estudo semântico-lexical em corpora geolinguísticos**, de Celciane Alves Vasconcelos e Vanderci de Andrade Aguilera, toma como base um estudo semântico-lexical e geossociolinguístico de variantes pertencentes ao campo da montaria e propõe uma análise das lexias documentadas nas cartas nº 144 do Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI, 1963), nº 148 do Atlas Linguístico de Sergipe (FERREIRA et alii, 1987), nº 15 do Esboço de um Atlas Linguístico de Londrina (AGUILERA, 1987) e a de nº 62 do Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994). A partir da etimologia e da data de lexicalização das lexias, busca relacionar cada uma delas ao momento e ao contexto histórico respectivos. Por meio da análise de determinadas variantes relativas à vida do campo, ameaçadas de extinção, o estudo pretende contribuir para o conhecimento da história da Língua Portuguesa falada no Brasil.

Em **Atitude: um conceito teórico, um conceito de vida**, Dermeval da Hora apresenta, em linhas gerais, uma visão histórica da atitude linguística; discorre sobre a ideologia que envolve a língua padrão e sobre os fundamentos que norteiam os estudos relacionados à atitude linguística; apresenta as principais abordagens sobre atitude e discute o papel da consciência do falante e sua relação com os processos variáveis, associados à atitude. A partir do relato e das considerações feitas, o autor conclui ser importante que os estudos realizados no Brasil, desenvolvidos sob perspectiva laboviana, se interessem pela possibilidade de aliar aos resultados obtidos uma análise da atitude do falante, em relação à fala do outro e a sua própria fala, uma vez que tal procedimento permitiria a avaliação das diferentes variantes que se estendem pelo país como um todo, possibilitando análises mais acuradas, principalmente, no que concerne aos fatores sociais.

No artigo **Língua, cultura e construção da identidade teuto-brasileira/brasileira-alemã no sul Brasil**, Mônica Maria Guimarães Savedra e Ciro Damke abordam alguns aspectos referentes ao conflito de identidade dos imigrantes alemães do Sul do Brasil, desde a vinda dos primeiros imigrantes em 1824, passando pelo período das primeiras colonizações até os dias atuais. Tomando como base estudos que tratam da relação entre história, memória e identidade discutem o desenvolvimento de uma identidade bicultural e o processo de aculturação e deculturação dos emigrantes/imigrantes alemães que deixam sua pátria (*Heimat/Vaterland*), e migram para o Brasil – uma terra com características linguísticas, socioculturais, políticas e geográficas diferentes de sua terra de origem.

Em **O apagamento do traço língua-cultura-identidade germânica na cidade de Juiz de Fora/MG**, Mariana Schuchter Soares e Ana Cláudia Peters Salgado tratam de questões pertinentes ao apagamento de traços da(s) língua(s) germânica(s) em Juiz de Fora/MG. Considerando que a quantidade de imigrantes germânicos que chegou à cidade teria sido tão grande quanto aquela destinada a outras partes do país, onde a língua se manteve e/ou onde ainda há visíveis marcas no dialeto/cultura da região, e, partindo do pressuposto de que toda língua atua como índice de identidade de seus falantes, as autoras entendem que muitos dos elementos identitários dos povos germânicos acabaram se perdendo ao longo dos

anos, uma vez que a(s) língua(s) não sobreviveu (sobreviveram) ao processo de urbanização da cidade, bem como ao contato linguístico intenso com os falantes do português e de outras línguas de imigração. As autoras se baseiam nas teorias de Castells acerca da noção de identidade, concebida como a fonte de significado de um povo e, a partir de então, pressupõem que um dos fatores que provavelmente contribuiu para o apagamento dos traços língua-cultura-identidade foi justamente a não identificação coletiva, i.e., a negação da identidade do outro, evitando o reconhecimento de si mesmo como um igual, como possuidor de uma mesma identidade.

Marco Antonio Martins
Jussara Abraçado

Maio de 2012